

Giorgio Colli intérprete de Nietzsche*

Stefano Busellato**

Resumo: Neste artigo, o autor afirma que o trabalho filosófico de Giorgio Colli é mais importante do que o seu trabalho editorial das obras de Nietzsche, pelo qual ganhou reconhecimento internacional. Mostra que Colli foi um filósofo com posições contrárias aos principais movimentos de sua época: ao academicismo, ao historicismo, às pesquisas de caráter positivista. Por fim, indica que, como pensador sistemático e metafísico, Colli viu na filosofia antiga o apogeu do pensamento ocidental e, em Nietzsche, a maior expressão moderna desse pensamento, sem contudo, poupá-lo de críticas.

Palavras-chaves: Colli - filosofia grega - confronto crítico - editoração

1. A fama internacional de Giorgio Colli ainda está, até então, vinculada ao idealizador e – juntamente com seu discípulo Mazzino Montinari – ao realizador da edição crítica das *Obras* de Nietzsche, um dos trabalhos editoriais de maior relevância do século XX. Mas, se, por um lado, é válido o brilhante mérito do qual desfruta, por outro lado, a importância de um trabalho tão prestigioso deixou oculto tudo aquilo que foi a sua íntima essência intelectual. Giorgio Colli foi, antes de tudo, um filósofo, um dos filósofos que também na Itália, sobretudo na Itália, ainda é esperado que seja mais reconhecido.

Os motivos deste questionamento são múltiplos e aprofundá-los não é argumento do presente trabalho, mas sim outros que, históricos e contingentes, pertencem principalmente à natureza intrínseca

* Tradução de Oclécio das Chagas Lacerda.

** Professor da Universidade de Siena, Siena, Itália. E-mail: sbusellato@cisp.unipi.it.

e decisivamente original da meditação colliana. Uma originalidade que pode ser resumida pela categoria, tão cara a Nietzsche, do *Unzeitgemäßigkeit*: nos anos em que reinava monocraticamente o historicismo, Colli se manifestou anti-historicista e via a história – apoiado nas lições de Schopenhauer – como simples superfície daquilo que não muda, a aparência, o momento enganoso. O positivismo e o cientificismo do tipo analítico, que começava a afirmar-se cada vez mais com maior sucesso no âmbito de respostas definitivas, foi frequentado bem próximo por Colli, mas com o objetivo de demonstrar, com os instrumentos da razão mesma, os limites e os perigos da racionalidade. Ele se dedicou à elaboração de uma contemplação de natureza metafísica quando já havia sido instituído o fim da metafísica e o fez por meio de uma linguagem anacronicamente mitológica. Esta metafísica colliana, de outro modo, não poderia ser nem mesmo inserida no âmbito religioso porque é puramente cognoscitiva e anticristã. Ainda, em plena crise da relação entre universalidade e indivíduo, entre verdade e sua integridade, dividido, de modo aparentemente definitivo, em relativismos, subjetivismos e especulações negativas, Colli, neste caso talvez seja o último, retorna ao sistema, procurando dotar a si próprio de uma potencial compreensão absoluta. Ao fazer isto ficou voluntariamente indiferente à filosofia contemporânea, considerada por ele como declínio e pobreza, e se dirigiu àquilo que via como o ápice da meditação ocidental do qual é possível partir – a filosofia grega. A esta é necessário acrescentar somente um número surpreendentemente (mas significativamente) limitado de outros autores para ter com boa completude as referências filosóficas decisivas da obra colliana: Nietzsche, Schopenhauer, Kant e, em menor medida, Espinosa.

Outro elemento importante, ao mesmo tempo biográfico e intelectual, deve ser levado em conta para enquadrar com clareza o argumento aqui examinado, é a convicção de Colli que uma ação cultural forte, humanística no sentido amplo, capaz incidir sobre o nível espiritual da própria época, já não era mais possível exercê-la dentro da estrutura acadêmico-universitária.

Com a prudência e a experiência de trinta anos de docência pela cátedra de filosofia antiga na Universidade de Pisa, que afirmava a oposição burckhardiana entre Estado e cultura, ele viu esses aparatos como já incapazes de reagir propulsivamente a uma tendência global de gradual marginalização do saber e a sua consequente condenação. Colli se convence, então, que o lugar onde pode tentar uma resposta concreta a tal situação seria, ao invés, o trabalho editorial. Este não somente o motivou a assumir o cargo de editor de editoras de prestígios (Einaudi, Boringhieri e Adelphi) mas, sobretudo, o encorajou a realizar os dois monumentais trabalhos que foram primeiro a edição crítica dos *Werke* de Nietzsche (com Mazzino Montinari), pela De Gruyter e Adelphi, em seguida, a extraordinária reconstrução filológica dos fragmentos pré-socráticos, projetados em nove volumes, *A sabedoria grega*, interrompida pelo seu falecimento, quando terminados os primeiros dois volumes e dado início ao terceiro (com *Heráclito de Éfeso*).

A escolha da editoração em detrimento da carreira universitária, não somente custou a Colli a compreensível hostilidade do mundo acadêmico, mas, coisa que aqui mais interessa, levou a um evidente mal-entendido: a fama do filólogo e do editor da edição nietzschiana foi tal que ocultou a recepção da sua filosofia pessoal e o nome de Colli se encontrou assim ligado aquela parte do trabalho que, mesmo com todo o seu mérito, foi na realidade secundária. O estudo das obras collianas deixa evidente que sua atividade editorial não é outra coisa senão o resultado subordinado e guiado por uma precisa visão filosófica preexistente e bem mais ampla; o que contraria a opinião que, no primeiro momento, afirma ser a filosofia de Colli consequência de seu trabalho editorial.

2. Para acabar inicialmente com as dúvidas sobre a imagem de um Colli discípulo de Nietzsche, diga-se de imediato que, sob o ponto de vista teórico, entre os modernos, Colli considerou Schopenhauer a figura mais completa e não Nietzsche. A este, ao

contrário, não economizou de apontar lacunas especulativas. Ao autor de *Zarathustra* faltou, para Colli, a “consciência de uma relação precisa entre o componente intuitivo do pensamento e aquele dedutivo. No intuir salta para a conclusão e, enquanto está deduzindo é apanhado pela intuição”¹. Nietzsche, “não sabe demonstrar, mas sabe colher a verdade”², portanto, “nunca foi capaz de nos dizer quando e porque um conhecimento é verdadeiro ou falso”³. Do ponto de vista puramente especulativo:

Nietzsche é um filósofo pela metade, porque de filósofo ele possui, de modo geral e até superabundante, a capacidade intuitiva, mas falta, às vezes, de maneira quase inacreditável, o poder de coordenar as intuições e geralmente de deduzi-las. Ora, os grandes filósofos se distinguem dos medíocres pelo fato de possuírem, além da geral capacidade dedutiva, um excepcional dote intuitivo. Onde falta, ao contrário, tal capacidade dedutiva – muito mais vulgar e comum em si – não floresce o filósofo, por maravilhoso que seja o seu dom intuitivo. Onde aparece a intuição sem dedução, *encontramos somente um artista. Para Nietzsche, todavia, a coisa é mais complicada*, porque a natureza da sua intuição é tipicamente filosófica, ou seja, ele prefere tomar como objeto o universal, ao invés do particular e, depois, o particular como se fosse o universal [...], ou seja, ele segue precisamente seus temperamentos dedutivos⁴.

Se Nietzsche permanece teoreticamente atrás de Schopenhauer, mesmo assim, “é um grande filósofo na medida em que se revela o *único schopenhaueriano* autêntico”⁵ ele, entre os modernos, encarnou, contrariamente, a mais alta figura da relação entre pensamento e existência, um isolado exemplo de magnificência capaz

1 COLLI, G. *Dopo Nietzsche*. Milão: Adelphi, 1974, p. 95.

2 *Id.*, *La ragione errabonda*. Milão: Adelphi, 1982, p. 94.

3 *Ibid.*, p. 124.

4 *Ibid.*, p. 137.

5 *Ibid.*, p. 128.

de pôr-se uma alternativa ao modelo contemporâneo e readquirir, pelo menos em parte, condições de conhecimento que, de outro modo, foram perdidas. Em uma carta inédita escrita à Montinari, Colli esclarece o significado preciso que teve para ele Nietzsche:

Tu te espantas que eu dê ainda hoje tanta importância às ideias de Nietzsche, por exemplo. Mais que a Schopenhauer. O fato é que para mim, Nietzsche foi e é a mais grandiosa “vivência” sobre o passado: a parte os gregos, mas em certo sentido ainda mais que os Gregos, porque esta é uma vivência na qual se sente a pessoa. Esta é a minha resposta, e quando quero traduzir esta “vivência” em um juízo histórico, “para mim”, isto não pode ser expresso diversamente senão dizendo que “Nietzsche é aquilo que de mais grandioso conheço depois dos Gregos”⁶.

O mérito historiográfico de Nietzsche, para Colli, foi exatamente ter conseguido ver no pensamento grego, onde “se apresentaram reunidas, de forma inacreditável, as condições perfeitas para uma explosão da faculdade racional do homem”⁷, o ponto culminante do desempenho cognoscitivo ocidental, embora julgado como declínio e regresso à história sucessiva e ainda ter, com sua própria obra, tornado novamente possível, um acesso autêntico a ele, diferentemente da grecomania típica do século XIX alemão ou dos recomeços helênicos de modelo heideggeriano. Neste sentido, e não em um superficial épater *le bourgeois* de fácil aplauso passageiro, pode ser encontrado, para Colli, o valor positivo da *pars destruens* da filosofia de Nietzsche, sua cerrada crítica à moral, ao cristianismo, ao pensamento e aos valores contemporâneos.

[Nietzsche] foi o grande libertador, aquele que libera a estrada, que torna agora possível uma visão “somente” teórica do mundo. [...] o seu

6 Carta de G. Colli a M. Montinari de 7 de fevereiro de 1968.

7 *Id.*, *La ragione errabonda*, *op. cit.*, p. 253.

esforço estrondoso, ruidoso para as débeis orelhas modernas, não fez senão recuperar as condições primitivas da sabedoria grega⁸.

É evidente como o trabalho desenvolvido por Colli sobre os sábios antigos e a importância fundamental que eles tiveram para sua filosofia não foi em razão da ligação que possuía com Nietzsche. Ao contrário, Nietzsche foi importante para a relação que Colli instaurou com o pensamento grego, em relação ao qual ele permanece, por esta razão, subordinado. Não interessa à Colli o Nietzsche à *la page* pronto a prestar-se as mais variadas atualizações, interessa, ao contrário, aquilo que nele permite superar “a colisão vulgar do presente”, vale dizer “o olhar do grego antigo sobre nosso mundo”⁹.

Não se trata de saber a que coisa serve para nós o pensamento de Nietzsche, onde toca, expõe e estimula os problemas modernos: na realidade, o seu pensamento serve a uma só coisa, a nos distanciar de todos os nossos problemas, a nos resguardar para além de todos os nossos problemas¹⁰.

Por trás da célebre afirmação do refinado exegeta nietzscheano, que “Nietzsche não precisa de intérpretes. De si mesmo e de suas ideias ele falou o bastante e de modo mais nítido”¹¹ está não somente a incômoda oposição ao sucesso mais efêmero de Nietzsche, em detrimento do legado realmente decisivo do filósofo alemão, isto é, a possibilidade que ele instaurou de “afastar-se deste mundo humano dos valores permanentes”¹², mas também a indicação de uma concreta relação com a obra nietzschiana: “Todos acreditam haver compreendido Nietzsche. Mas pouco importa o ‘compreender’.

8 COLLI, G. *Dopo Nietzsche, op. cit.*, p. 89.

9 *Id.*, *La ragione errabonda, op. cit.*, p. 86.

10 *Id.*, *Scritti su Nietzsche*. Milão: Adelphi, 1980, p. 201.

11 *Id.*, *Dopo Nietzsche, op. cit.*, p. 26.

12 *Id.*, *Scritti su Nietzsche, op.cit.*, p. 115.

O verdadeiro ‘compreender’ é ‘fazer’ qualquer coisa na sua direção”¹³. A direção está na recuperação do pensamento pré-socrático. O “fazer” significou para Colli um programa idealizado no final dos primeiros anos de juventude e levado adiante com absoluta coerência até *A sabedoria grega*. Nietzsche teve o mérito de sancionar a mudança historiográfica decisiva, pondo em discussão o olhar evolucionista ou hegeliano de interpretar a história da filosofia e, ao mesmo tempo, abandonou a canônica *edle Einfalt und stille Größe* da imagem helênica, desvelando por trás desta imagem uma essência contrária e trágica que afundava a própria raiz no arcaico. Refiro-me ao primeiro aspecto, Colli radicaliza o ensinamento nietzscheano de “examinar a Grécia como o exemplo mais belo da vida”:

É tempo de ajustar o tiro: a antiga filosofia grega não é uma balbuciação da filosofia moderna, uma antecipação quase sem forma, o brotar confuso de um menino que está aprendendo as primeiras palavras – é, ao contrário, a filosofia moderna a mastigar com dificuldade aqueles antigos pensamentos, como que por um trauma perdeu a fala e recomeça pois fatigosamente a recuperá-la por fragmentos, gaguejando¹⁴.

Considerando o segundo aspecto, toda a obra colliana, seja teórica, seja filológica chegou, várias vezes, na investigação da “origem da origem”, na tentativa de “explicar certos fenômenos, muito longe de nós, buscando a origem ainda mais distante em um passado ulterior”¹⁵.

4. Se estes são, então, os aspectos importantes em relação aos quais Colli se sentiu devedor e de qualquer modo continuador de Nietzsche, o seu distanciamento e os escritos críticos no confronto com o alemão foram talvez mesmo ainda mais relevantes.

13 *Id.*, *La ragione errabonda*, *op. cit.*, p. 83. Cfr. também *Dopo Nietzsche*, *op. cit.*, p. 32.

14 COLLI, G. *Filosofia dell'espressione*. Milão: Adelphi, 1969, p. 166.

15 *Id.*, *Lezioni sull'origine della filosofia*, escrito inédito.

Se Nietzsche inaugurou um novo plano de questionamento refutando a própria condescendência em relação à visão historiográfica realizada até o primeiro ponto fixo e indiscutível, o do valor de Diógenes Laércio para aquele acesso ao mundo antigo, que, ao contrário, “queria o tolo guardião dos tesouros dos quais ignorava os valores” demonstrando-se autor movido por uma acrítica “confiança igual a sua estupidez”¹⁶, ou em relação à totalidade das interpretações mais prestigiadas do final do século XIII e XIX do fenômeno grego, julgado fruto da erudição filisteia – se este foi o movimento de Nietzsche que permitiu a ele colher tudo isso, para Colli então é necessário um mesmo movimento de irreverência diante de Nietzsche que, por sua vez, permita chegar a um plano diferente daquele nietzschiano.

Ser justo com Nietzsche significa medi-lo com aquilo que ele mesmo proclamou como “justiça”. A mesma impiedosa severidade com que ele olhou para o seu passado e para o seu presente se volta contra ele. A sua fraqueza deve ser descoberta com malvadeza, sem indulgência, porque assim ele fez com os outros. Aquilo que não é possível ver, não devemos perdoo-lo. Isto significa ter aprendido com ele¹⁷.

Apenas no ponto decisivo da obra de Nietzsche, deve-se ouvir ele falar dos gregos como ele ouvia Goethe e Winkelmann, “com um consenso que aprofundado leva ao dissenso”¹⁸. Foi esta a essência do movimento de Colli para com Nietzsche, estendido próximo ao exegético: manter um olhar atento e crítico em direção ao alemão, aprender “a atacar, mas também a defender-se”¹⁹ dele. Movimento que, como já dissemos, Colli manifestou com grande precocidade ao final dos anos de juventude.

16 *Ibid.*, p. 373.

17 G. Colli, *Dopo Nietzsche*, cit., p. 197.

18 *Id.*, *Filosofia dell'espressione*, op. cit., p. 189.

19 *Id.*, *Scritti su Nietzsche*, op. cit., p. 92.

Um texto valioso neste sentido e, em particular atenção, para o presente discurso e para o modo colliano de afrontar Nietzsche, é o escrito *Einleitung ao helenismo e além*, publicado postumamente²⁰ e escrito pelo piemontês na idade de vinte anos. Neste, o ponto de partida é certamente aquele modo nietzscheano de inverter a imagem da filosofia antiga que, depois de vários tropeços, tomaria o seu curso mais importante de Platão em diante. Não é ainda presente a diferença terminológica e é também rejeitada a mera designação cronológica, entre os Sábios, pré-socráticos detentores de um conhecimento primeiro e completo, e os Filósofos, sucessivos representantes da contaminação de tal patrimônio cognoscitivo, à serviço de um *Logos* tornado “espúrio” e portadores de um saber parcial e deteriorado. A pesar da terminologia ainda incompleta, já está totalmente delineada aquela visão do vértice do pensamento antigo identificado até o sec. V a. C. e, em seguida, o seu declínio que, um pouco mais tarde, será o centro da obra-prima colliana, *Physis kryptesthai philei*²¹. Colli, portanto, parece seguir obedientemente a linha interpretativa inaugurada por Nietzsche. Entretanto, já neste primeiro escrito, ele sustenta:

Ele estava sempre convicto de que os pré-socráticos foram os únicos filósofos dignos deste nome e que a partir de Sócrates se iniciou a decadência da filosofia – entretanto, é possível levantar dúvidas se havia entendido, na sua essência própria, aqueles pré-socráticos que ele mais amava. [...] Nietzsche [...] viveu, até certo limite, em comunicação perfeita com estes pré-socráticos, mas não penetrou profundamente a necessidade e o valor da sua doutrina²².

20 A primeira edição teve o título *Helenismo e além. Einleitung* [1940], (editado por S. Busellato), ETS, Pisa 2004 e a última com o título *Apolíneo e dionisiaco*, (editado por E. Colli), Adelphi, Milão 2010.

21 COLLI, G. *La Natura ama nascondersi*. Milão: Adelphi, 1988.

22 *Id. Apolíneo e dionisiaco, op. cit.*, pp. 71-73.

Nietzsche foi o único a compreender corretamente, na essência, os valores do pensamento antigo mas, ao mesmo tempo, mostrou-se incapaz de aprofundar suficientemente o seu aspecto teórico. Para Colli, outra causa desta carência especulativa, que tem uma precisa razão técnica, consiste no fato de Nietzsche ter falhado em fazer surgir, verificar e ancorar suas intuições por meio de um poderoso trabalho secamente filológico. E, também, em o alemão se mostrar preso a uma dicotomia, por assim dizer, entre teoria e prática. Ele, como na filosofia, também em relação à filologia foi capaz de revolucionar a tarefa e, seguindo a expressão “*Philosophia facta est quae philologia fuit*”, inversão senequiana e declaração do próprio entendimento de docência na aula inaugural de 1869, ele retirou a atividade filológica, por considerá-la uma “velharia de poeirenta erudição”, a serviço de uma concepção histórica que, como teorizou na segunda *Extemporânea*, é de dano e não de utilidade à vida. São numerosos os passos em que o alemão reivindica à filologia um papel cultural inovador e decisivo, definindo-a como a “arte de ler corretamente” (MA I/HH I 170, KSA 2.158-9), a “honorável arte [...] da perícia dos ourives da palavra, que deve realizar um finíssimo e atento trabalho e não alcançar nada se não o alcance *lento*” (M/A, Prefácio, 5, KSA 3.17). Colli se alinhou às diversas finalidades proposta por Nietzsche à filologia, refutando tudo que é aproximação acadêmica “restrit[o] ao estudo da palavra escrita do passado remoto, estudo de uma expressão como tal, não de uma expressão para descobrir a intimidade que está por trás”²³. Mas, se Nietzsche abriu a estrada, para Colli, faltou ele adentrar nela. Já no escrito juvenil citado, a limitação de Nietzsche, no estudo dos pré-socráticos, aparece claro:

de vez em quando se avizinha a estes grandes e se encontra em sua companhia tanto bem quanto nenhum outro espírito da humanidade

23 COLLI, G. *Apollineo e dionisiaco*, op. cit., p. 39.

[...] mas sempre é a sua personalidade que o atira precipitadamente, personalidade que se contenta em obter, para usar as suas palavras, “aus drei Anekdoten” e que devia, ao contrário, eviscerar mais profundamente, por meio de um estudo incansável sobre o conteúdo filosófico dos seus pobres e enigmáticos fragmentos, muito rapidamente ignorados, do ponto de vista especulativo. Ele tenta uma vez, em torno de 1873, um tratamento sistemático sobre este argumento, mas não tarda em interromper o trabalho, cômico, sobretudo da sua insuficiência²⁴.

Com a leitura destas anotações de 1940, aparece claro como a monumental obra de trinta anos posteriores a isso, *A sabedoria grega*, pensada como alternativa à Diels-Kranz, não foi um projeto elaborado no âmbito das interpretações nietzschianas da filosofia antiga. Ao contrário, pretende fazer aquilo que Nietzsche, por seus próprios limites, não foi capaz de realizar. Este preferiu se basear em evidências indiretas, em detrimento de um estudo particularizado dos fragmentos: foi um limite, antes de tudo, puramente filológico. “Com a ajuda de três anedotas é possível fornecer a imagem de um homem: em cada sistema eu busco focar três anedotas, jogo fora o resto” (PHG/FT, Prefácio, KSA 1.803) é a declaração que abre *A filosofia na época trágica dos gregos* e que, para Colli, reassume a falta que Nietzsche tem de “um estudo incansável sobre o conteúdo filosófico”, o oposto da metodologia que, contrariamente, o piemontês considera imprescindível para adentrar-se no pensamento antigo. O julgamento sobre as deficiências da leitura nietzschiana dos pré-socráticos se mantém constante em relação àquela ideia de juventude. Em *Depois de Nietzsche*, reitera os pontos fortes e fracos da aproximação da abordagem que Nietzsche faz dos gregos (à memória do qual o homenageará com a dedicatória *A natureza ama esconder-se*):

24 *Ibid.*, p. 70.

o maior mérito de Nietzsche, em relação à sabedoria pré-socrática, está em ter adivinhado por primeiro que aquele era o ponto culminante do pensamento grego. Nietzsche viu a estatura daqueles homens, mas não compreendeu as suas palavras; viu que lá havia um santuário, mas não conseguiu entrar nele²⁵.

5. Para Colli, a falha filológica-metodológica de Nietzsche não permaneceu apenas nisso, mas ela levou também à importantes erros exegéticos e, ainda mais, à fortes divergências de natureza filosófica entre o sistema colliano e a visão nietzschiana.

Mesmo considerando o seu mérito de ter posto com profundidade e força a dicotomia entre dionisíaco e apolíneo, aquela chave de leitura capaz de forçar a interpretação neoclássica do pensamento helênico²⁶, a Nietzsche faltou o real significado de ambas: do fenômeno dionisíaco faltou o fundo místico²⁷-metafísico que o vivifica e que o liga aos mistérios luminosos e ao orfismo; do fenômeno apolíneo faltou a dimensão teórico-cognoscitiva, contrária à dimensão de mero véu ilusório de forma schopenhaueriana, mas como comunicação da verdade por meio do instrumento do pensamento, de um *Logos* que participa tanto do enigma quanto da racionalidade, em uma dimensão de mania não somente pertencente a Dionísio, como queria Nietzsche, mas enquanto união entre as simbologias das duas divindades.

Não se trata aqui de questões secundárias e de diferentes interpretações subjetivas dentro de uma visão no geral compartilhada. A intuição de fundo metafísica de uma parte e a especulação racional voltada à comunicação teórica de tal conhecimento, são as duas raízes das quais, para Colli, germinou a antiga sabedoria grega.

25 COLL, G. *Dopo Nietzsche, op. cit.*, p. 160.

26 *Id.*, *Filosofia dell'espressione, op. cit.*, p. 184

27 Sobre a particular acepção do termo "místico" é necessário ver *Id.*, *Dopo Nietzsche, op. cit.*, p. 156; em seguida também *La ragione errabonda, op. cit.*, pp. 33, 102, 123, 365, 550.

Não compreendê-las completamente, como acontece com Nietzsche, significa perder o significado desta última. Assim se explica, para Colli, a interpretação incompleta que o alemão faz de alguns dos pré-socráticos, em especial e decisivamente de Heráclito e de Empédocles: a supervalorização de Demócrito, ao qual Colli não reserva particulares atenções e, sobretudo, a total má compreensão de Parmênides, do heletismo e da primeira sofística. Não compreender Parmênides significou não compreender a essência específica da razão helênica. Nesta diferença da conceituação do tema da razão ocidental se consumou a grande distância filosófica entre Colli e Nietzsche.

Segundo Colli, uma das faltas de Nietzsche foi ter usado a razão como instrumento crítico sem submeter a razão mesma a uma análise crítica capaz de aprofundar sua natureza, não vendo, com isso, que esse “demolir em absoluto pela sua debilidade e não pelos erros provenientes de seu uso [...] que destruindo em absoluto a pretensão construtiva da razão, eliminaria o maior obstáculo a um autêntico refluxo em direção à vida nascente”²⁸, refluxo que para Colli é a essência do *logos* da sabedoria grega. Nietzsche não conseguiu esta ação exatamente porque não foi capaz de seguir o percurso da razão pré-socrática. É notório, então, que Parmênides, na realidade, não foi de fato um frio racionalista, o representante de uma “extemporânea dilaceração do intelecto” em favor de uma “fria abstração do conceito de ente”, uma mera “astúcia dialética” que falta “profundidade e contemplação”²⁹. Parmênides, para Colli, foi a última tentativa “filantrópica” de defender um *Logos* autêntico, consciente de não ser independente, mas sempre subordinado a uma instância metafísica ilógica, do *logos* que tornará “espúrio”, assumindo aquilo que é a arrogante convicção de exaurir autonomamente o existente. Nietzsche não se dá conta de tal duplicidade

28 *Id.*, *Dopo Nietzsche*, *op.cit.*, p. 85.

29 NIETZSCHE, F. *Os filósofos pré-platônicos*. Bari: Laterza, 2005, pp. 80-83.

da razão antiga, condenando-a indiscriminadamente como dialética e considerando-a da mesma forma como ela é considerada pelo racionalismo moderno:

Não menciona nem mesmo o abismo entre a dialética antiga e aquela moderna. Este é o seu erro de perspectiva, uma superficialidade juvenil sobre o qual não retorna mais a refletir. [...] Saber se introduzir no recinto sacro de um personagem como Parmênides seria como romper um tesouro sigiloso. O que ele não conseguiu, por que nem mesmo queria isso. Senão teria entendido que a dialética não era pertencente à Grécia pelo empobrecimento da vida, mas, ao contrário, pela sua exuberância³⁰.

A impaciência das análises e um “teimoso imanentismo” não permitiram a Nietzsche absolver a existência de um *logos* pré-socrático, antecedente a sua degeneração em *hybris* racionalista que deu origem a um pensamento ocidental destrutivo nos confrontos com a *Physis*. Este foi o motivo pelo qual Nietzsche deslizou, embora não quisesse, em um irracionalismo cético, que foi o vínculo cego de seu filosofar.

A peculiar natureza da razão pré-socrática é o ponto central de Colli tanto da interpretação do pensamento antigo quanto do próprio sistema filosófico:

A filosofia grega [...] entendia a razão como simples “discurso” sobre qualquer coisa, um *logos* (sujeito e objeto conjuntamente) cuja natureza exprime qualquer coisa diversa de si. Tal origem é depois esquecida, não é cumprida esta função alusiva, expressiva em sentido metafísico, da razão e o “discurso” passa a ser considerado como se tivesse um valor autônomo, como se fosse o espelho, o perfeito equivalente de uma ideia ou de um objeto assim chamados racionais, ou fosse isso mesmo

30 COLLI, G. *Dopo Nietzsche, op. cit.*, pp. 83-4.

uma substância independente. [...] A razão nasce, na verdade, como alguma coisa de complementar cuja justificação estava em qualquer coisa de escondido, fora dela mesma, que não podia ser restituído, mas apenas indicado pelo “discurso”. Em seguida, vem compreendida como fim em si mesmo e, todavia, ao contrário de se tornar uma formulação nova, se possível, compatível com a nova perspectiva, continuou a obedecer à estrutura e à regra do velho *logos*, que surgiu como um instrumento auxiliar³¹.

Mesmo Nietzsche, apesar de ser um dos poucos a permanecer imune, no próprio filosofar, à *hybris* racionalista, a nível interpretativo, caiu naquilo que Colli chama o “equivoco radical que sempre distorceu o sentido da antiga filosofia”, “o não ter entendido que para os gregos a razão é somente instrumento acessório, não algo autônomo”³². Depois de Parmênides, a razão, de aparato representativo que veicula o extrarrepresentativo, de subconjunto consciente de indicar somente a um supraconjunto inexprimível inteiramente por meios racionais, toma o curso arrogante da autorreferência, da pálida abstração, isto é, rompe a própria ligação com a *Physis*, que Colli – atraindo a decepção de muitos especialistas – traduz em diversos modos e diferentes contextos, remetendo, porém, sempre a um princípio metafísico vivificante: “nascimento”, o mais frequente, mas também “imediatez”, “realidade última das coisas”, “natureza última”, “interioridade noumênica”, “natureza transcendente”. Fazer o retorno gnosiológico ao *thighein*³³ com a *Physis* é, para Colli, o significado da sabedoria helênica e foi o projeto da *Filosofia da expressão*. Esta nítida separação entre um *logos* pré-socrático, instrumento perfeito de comunicação de um conhecimento extradiscursivo e um *logos* espúrio, típico do declínio em

31 *Id.*, *Filosofia dell'espressione*, *op. cit.*, p. 184

32 *Id.*, *La ragione errabonda*, *op. cit.*, p. 412.

33 Aristóteles, *APo* 99b 36–100a6.

filosofia da sabedoria grega, portou Colli a uma forte polêmica com aqueles que desvalorizam *in toto* a razão e suas potencialidades, erro também seguido em Nietzsche:

demolir a pretensão sistemática, dogmática, otimista da razão, despedaçar a soberba da ciência: tudo isto vai bem – e é possível andar para além de Nietzsche sobre esta estrada – mas é somente a premissa negativa. Retiram as perguntas mais importantes: como foi possível acontecer tudo aquilo e qual relevo adquire uma razão autêntica? A resposta histórica não segue a direção de Nietzsche, sobre o rastro de uma origem moral. É a gênese teórica que é indagada: tudo o que foi possível para um desvio do impulso cognoscitivo, ocorrido na Grécia. [...] O falar contra a razão, da parte daqueles que não adivinharam o seu nascimento, de quem não a seguiu nos seus tortuosos caminhos, não descobriu que dela vem modelado o corpo fraco e amarrado à ordem aparente do mundo sensível que o circunda, em vão a recusa. Estes tagarelas demonstram uma exploração insuficiente da vida, e frequentemente lembram o discurso daquela raposa que não conseguia alcançar a uva³⁴.

Foram explicadas aqui as muitas páginas de fria teorese da obra de Colli, os seus estudos de lógica e a maneira como ele frequentemente adotou a linguagem e os mecanismos até arriscar-se, como *divertissement*, ao tentar com regularidade resolver o célebre teorema de Femat. Este, tendo sempre em conta, para usar a palavra do amado Espinosa, que a “racionalidade em nós é a coisa mais excelente, mas é apenas como uma escala longa a qual nos erguemos ao lugar desejado”³⁵. Não é por acaso então a afirmação

34 COLLI, G. *La ragione errabonda*, op. cit., p. 31.

35 SPINOZA, B. *Breve tratado sobre Deus, o homem e o seu bem*. Milão: Mondadori, 2007, p. 192.

de Colli que “depois dos gregos nenhum filósofo foi profundo na medida de Espinosa”³⁶ e que ponha como forma algébrica “um Espinosa mais um Nietzsche dá um filósofo grego”³⁷.

6. Colli não tinha uma relação de discípulo com Nietzsche. Ele o submeteu a um cerrado confronto crítico, procurou com a própria obra de filólogo e, por meio de uma complexa construção filosófica, promover a inovação que significou a entrada em cena do alemão na história do pensamento ocidental. Não menos importante foi também sua concentrada atenção ao pensamento pré-socrático, com uma abordagem extemporânea, capaz de regenerar a relação entre conhecimento e existência, o que se tornou, na opinião de Colli, pálido e distante. A obrigação de deixar, em *Depois de Nietzsche*: “Seu esforço barulhento, ensurdecido para os débeis ouvidos modernos, não fez senão recuperar as condições primitivas da sabedoria grega”³⁸. Nietzsche, a pesar de todas as críticas que podem e devem ser transferidas para sua exegese antiga e ao seu filosofar, é, portanto “a última voz da grandeza no mundo moderno”³⁹, “como um grego, ele julga o mundo presente: esse é o seu distanciamento, a sua perspectiva do alto”⁴⁰. Colli não hesita em falar de sua relação com Nietzsche em termos de veneração: “Venerar um escrito, um homem do passado é o sentimento mais nobre do homem: desta forma é possível superar o choque vulgar do presente e tentar aprender com este mundo humano dos valores permanentes. Este é o sentido da “cultura” de Nietzsche – um de seus pensamentos centrais – e este é o sentido de nosso falar de Nietzsche”⁴¹; e depois o que foi dito até agora, o significado é claro:

36 COLLI, G. *Por uma enciclopédia dos autores clássicos*. Milão: Adelphi 1983, p. 53.

37 *Id.*, *La ragione errabonda, op.cit.*, pp. 93-4.

38 *Ibid.*, p. 86.

39 *Ibid.*, p. 148.

40 *Id.*, *Dopo Nietzsche, op. cit.*, p. 183.

41 *Ibid.*, p. 115.

Nietzsche é o indivíduo que sozinho elevou o nível mais complexo de nossos pensamentos sobre a vida e conseguiu isso com um distanciamento prepotente dos homens e das coisas que o cercavam, de modo que nós somos constrangidos a partir do plano que ele impôs. A sua voz cobre qualquer outra voz do presente; a clareza de seu pensamento faz aparecer desfocado qualquer outro pensamento. Para aquele que está livre das correntes e, na arena do conhecimento e da vida, não reconhece tiranos, somente ele conta⁴².

É por tais motivos que, para Colli, era necessário fazer Nietzsche falar com sua própria voz, por meio de uma edição das Obras capaz de restituí-la firmemente, diretamente, filologicamente. Somente escutando sem distorção nem falseamento é possível compreender por completo toda a sua importância. Nietzsche “nos deixou uma imagem diversa do homem e é com esta que devemos medir a nós mesmos”⁴³.

Abstract: In this article, the author affirms that the philosophical work of Giorgio Colli is more important than his editorial work of Nietzsche works, by which he earned international recognition. It shows that Colli was a philosopher with positions contrary to his time. To the academicism, the historicism, the researches of positivist character. At last he shows, that as a systematic and metaphysical thinker, Colli saw in the ancient philosophy the zenith of occidental thought and, in Nietzsche, the greatest modern expression of that thought, without however sparing him of criticism.

Keywords: Colli – Greek philosophy – critical confrontation - publishing

42 *Ibid.*, p. 199.

43 *Ibid.*, p. 201.

referências bibliográficas

1. COLLI, G. *Dopo Nietzsche*. Milão: Adelphi, 1974.
2. _____. *La ragione errabonda*. Milão: Adelphi, 1982.
3. _____. *Scritti su Nietzsche*. Milão: Adelphi, 1980.
4. _____. *Filosofia dell'espressione*. Milão: Adelphi, 1969.
5. _____. *La Natura ama nascondersi*. Milão: Adelphi, 1988.
6. _____. *Apollíneo e dionísíaco*. Milão: Adelphi, 2010.
7. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe. Berlin/New York: de Gruyter, 1988, 15v.
8. _____. *Os filósofos pré-platônicos*. Bari: Laterza, 2005.
9. SPINOZA, B. *Breve tratado sobre Deus, o homem e o seu bem*. Milão: Mondadori, 2007.

Artigo recebido para publicação em 10/12/2013.

Artigo aceito para publicação em 15/01/2013.

